

A HOSPITALIDADE COMO “VIVÊNCIA DA AMIZADE” SEGUNDO DERRIDA

RAMIRO DÉLIO BORGES DE MENESES

Instituto Politécnico de Saúde do Norte - Gandra
Universidade Católica Portuguesa – C.R. Braga

RESUMEN / RESUMO

A hospitalidade é uma experiência da amizade primeira, o encontro da presença *in actu* (em acto), que descreve a análise do *hexis* (hábito) e de qualquer predisposição, como os outros graus da amizade, que a caracterizam com dimensão aretológica. A hospitalidade, segundo o pensamento de Derrida, é um “por-vir” da amizade e será um “por-vir” do acolhimento. Naturalmente, a amizade pode determinar a hospitalidade, tornando-a mais forte e mais eficaz. Com efeito, Derrida superou as aporias da hospitalidade através do conceito de *teleia philia* (amizade de perfeição), que é oriunda do pensamento aristotélico, como se poderá descrever no pensamento do Filósofo: “a presença dos amigos parece, contudo, ter uma natureza mista. Ver os amigos é afável, sobremaneira quando se passa um momento infeliz. A hospitalidade é uma “relação de alteridade”, que nada tem a ver com a indiferença. A amizade dá forma à hospitalidade, dado que a antítese da hospitalidade será a “quenose” do Outro, como um desejo de destruição, um certo “impulso fanático”, que mina a hospitalidade.

Palabras clave/Palavras-chave: Jacques Derrida, hospitalidade, amigo, amizade, alteridade.

ABSTRACT

The hospitality is an experience of friendship first, the meeting of the presence *in actu* (in the act), which describes the analysis of *hexis* (habit) and any predisposition as the other degrees of friendship, with its characteristic aretologic dimension. The hospitality, according to Derrida’s thought, is a “to-come” of friendship and will be a

“to-come” the host. Naturally, the friendship can determine the hospitality, making it stronger and more effective. Indeed, Derrida over come the aporias of hospitality through the concept of *teleia philia* (friendship perfection), which is derived from the Aristotelian thought, how can one describe the thinking of the philosopher: “the presence of friends, however, seem to have amixed nature. See friends is affable greatly when it passes amiserable time...”. Hospitality is a “relationship of otherness”, which has nothing to do with indifference. A friendship forms the hospitality, as the antithesis of hospitality is the “kenosis” of the Other, as a desire for destruction, a certain “momentum fanatic”, which undermines the hospitality.

Key words: Jacques Derrida, hospitality, friend, friendship.

INTRODUÇÃO

A hospitalidade é uma “experiência elpídica”, dado que é alimento de duas almas (anfitrião e estrangeiro). A amizade, na hospitalidade, é um “empenhamento elpídico”, como um momento da “esperança”. Na hospitalidade, há um momento de empenho, dado que a hospitalidade é amizade e depende desta. A hospitalidade é uma “promessa elpídica”, uma vez que o anfitrião tem esperança fundada no Outro-estrangeiro, que será “por vir”. O discurso da hospitalidade é uma “oração elpídica”, porque há petição e súplica entre o anfitrião e o Outro-estranho, como responsabilidade, que se abre ao “por vir”.

A hospitalidade traz consigo a amizade como efetiva condição de realização da nossa vida. Parece não haver amigos. Mas há amizade, tal como professa Derrida, se presentemente não existem amigos, façamos justamente com que futuramente passe a haver, amigos desta “amizade soberana e mestra” (*souveraine et maitresse amitié*). Eis ao que chamo à atenção, respondi-me, será a nossa responsabilidade. A amizade não será nunca uma dádiva presente, pertence à experiência da espera, da promessa ou do empenhamento. O seu discurso pertence à oração, que inaugura, que nada verifica, que não se contenta com aquilo que será, que se transporta, neste lugar, onde uma responsabilidade abre ao “por vir”¹. Toda a hospitalidade será o “Zukunft” (o que há-de vir) da amizade, sendo esta um diálogo entre um anfitrião e um estrangeiro, surgido entre petições. A hospitalidade verdadeira deverá viver como amizade, onde há

1 Cf. J. DERRIDA, *Políticas da Amizade*, trad F. Bernardo, Porto: Campo das Letras, 1994, 240; cf. “Mais si *présentement* il n’y a pas d’ami, faisons justement qu’il y en ait désormais, des amis de cette ‘souveraine et maistresse amitié’. Voilà à quoi je vous appelle, répondez-moi, c’est notre responsabilité. L’amitié n’est jamais une donnée présente, elle appartient à l’expérience de l’attente, de la promesse ou de l’engagement. Son discours est celui de la prière, il inaugure, il ne constate rien, il ne se contente pas de ce qui est, il se porte en ce lieu où une responsabilité ouvre à l’avenir” (J.DERRIDA, *Politiques de l’amitié, suivi de L’oreille de Heidegger*, Paris, Éditions Galilée, 1994, 263).

muitas promessas. Na hospitalidade, não há uma amizade estética, sendo, de preferência, marcada pela amizade moral, que exige uma confiança incondicional, de tal forma que as duas pessoas presentes (anfitrião e estrangeiro) devem partilhar, não só as suas impressões, como também os seus julgamentos. A hospitalidade é “amizade” (*philia*).

Uma forma de superar o sentido da hospitalidade, desde a condicional à incondicional, encontra-se na “amizade”, visto que toda a hospitalidade é amizade e a sua promessa será o desejo do acolhimento do Outro. Uma outra forma de superar o sentido da hospitalidade reside em “ouvir o hóspede”, como audição no acolhimento da Palavra. A palavra “Unheimlich” (lúgubre, etc) não é estranha, dizendo justamente o Outro-estrangeiro², a intimidade do lar e do abrigo familiar, sendo *oikeiotes* (residente), mas sobretudo, porque ela dá lugar a uma forma de acolhimento, que recorda a assombração, tanto quanto o *habitat* (*Unterkunft*), o alojamento, onde vive a voz do espectro³.

I. A HOSPITALIDADE: COMO ASCESE

A hospitalidade é uma ascese, porque é o sim ao “recém-chegado” (arri- vant), àquele que é *transcendere* (passar para outro lado, para além de ...), dado que é a grande figuração do acolhimento do Outro-estranho. É uma “abertura”, um atendimento do acontecimento como dom, como perdão, segundo o pensamento de Derrida⁴. Na hospitalidade, a amizade apresenta-se como dom do

2 Cf. J. DERRIDA, *Políticas da Amizade*, o. c., 70; Cf. “Défiant toutes les oppositions, cette *Unheimlichkeit* suffirait ici à laisser le passage à tous les retournements (renversements, conversions, inversions, révolutions) entre l’ami et l’ennemi. Elle loge l’ennemi au cœur de l’ami – et réciproquement. Pourquoi disons-nous qu’elle ‘loge’ l’autre, l’étranger ou l’ennemi? Parce que le mot *unheimlich* n’est pas étranger, tout en disant justement l’étranger, à l’intimité du foyer et à l’hébergement familial, à l’*oikeiôtês*; mais surtout parce qu’il fait place, de façon troublante, à une forme d’accueil en soi qui rappelle la hantise autant que l’habitat – *Unterkunft*, le logement, le gîte, l’habitat hospitalier, disait l’épilogue que nous citons plus haut, et nous entendrons dans un instant la voix de l’ami comme voix du spectre” (J. DERRIDA, *Politiques de l’amitié*, o. c., 77).

3 Cf. “Accueillir, disions-nous donc, mais tout en appréhendant, dans l’angoisse et dans le désir d’exclure l’étranger, de l’inviter sans l’accepter, hospitalité domestique qui accueille sans accueillir l’étranger mais une étranger qui se trouve déjà au-dedans (*das Heimliche-Unheimliche*) plus intime à soi que soi-même, la proximité absolue d’un étranger dont la puissance est singulière *et* anonyme (*es spukt*), une puissance innommable et neutre, c’est-à-dire indécidable, ni active ni passive, une an-identité qui occupe invisiblement *et sans rien faire* des lieux, qu’ne sont finalement ni les nôtres ni les siens, ...” (J. Derrida, *Spectres de Marx*, 273).

4 Cf. “L’ascèse dépouille l’espérance messianique de toutes les formes bibliques, et même de toutes les figures déterminables de l’attente, elle se dénude ainsi en vue de répondre à ce que doit être l’hospitalité absolue, le ‘oui’ à l’arrivant(e), le ‘viens’ à l’avenir inanticipable – qui ne doit pas être le ‘n’importe quoi’ derrière lequel s’abritent les fantômes trop connus qu’on doit justement s’exercer à reconnaître. Ouverte, en attente de l’événement *comme* justice, cette hospitalité n’est absolue que si elle

Outro-estranho ao anfitrião e vice-versa. A hospitalidade, pelo pensamento de Derrida, é um “soberano bem” para o Outro-acolhido e para o Outro-acolhedor. Os dois revêem-se no bem um do Outro e são para o “bem” um do Outro”. Logo, segundo Derrida, pensa-se nos jogos em que se trata de identificar uma figura através de outra. Na vertigem desta alucinação, *unheimlich, uncanny*, estar-se-ia sujeito a uma assombração ou antes ao espectáculo da espectralidade: assombração do soberano pela besta e da besta pelo soberano, alojando um ao outro, tornando-se um, o hóspede, íntimo do Outro, tornando-se o animal o hospedeiro (*host et guest*), o refém, também, de um soberano, de quem se sabe que ele pode ser uma grande besta, sem que isso em nada alcance a onipotência assegurada pela sua função ou, se assim quiserem, por um dos dois “corpos de rei”⁵. Desta sorte, a hospitalidade revela-se como uma “soberania”, entre anfitrião e Outro-estranho, dominada pela *philia*. A amizade estabelece a unidade da hospitalidade. Transmite aquilo que é estranho e estranheza, como o perdão (setenta vezes sete), o dom (ouvir a Palavra do hóspede) e o contra-dom (as tarefas ou as solitudes da hospitalidade).

Tal como se depreende da formulação do imperativo categórico, o ser humano, como animal racional, deverá tratar do seu próximo, sempre e em qualquer circunstância, como um fim em si mesmo. A hospitalidade, segundo Kant, será uma consequência deste dever, que impera na interioridade humana, sendo imposta pela lei moral. A hospitalidade dependerá da “autonomia da vontade”, uma vez que, segundo o filósofo de Königsberg, “a autonomia da vontade” é aquela sua propriedade, graças à qual ela é para si mesma a sua lei (independentemente da natureza dos objectos do querer). O princípio da autonomia é, portanto, não escolher senão de modo a que as máximas da escolha estejam incluídas, simultaneamente, no querer mesmo como lei universal⁶.

veille sur sa propre universalité. (...) On pourra juger étrange, étrangement familière et inhospitalière à la fois (*unheimlich, uncanny*) cette figure de l’hospitalité absolue dont on voudrait confier la promesse à une expérience aussi impossible, aussi peu assurée dans son indigence, à un quasi-‘messianisme’ aussi inquiet, fragile et démuné, à un ‘messianisme’ toujours présupposé, à un messianisme quasi transcendantal aussi, obstinément intéressé par un matérialisme sans substance: un matérialisme de la *khôra* pour un messianisme désespérants...”. (*Ib.*, 266-267).

5 Cf. J. DERRIDA, *O soberano Bem*, trad. F. Bernardo, texto bilingue, Viseu, Palimage Editores, 2004, 63. Cf. “On pense à ces jeux où il s’agit d’identifier une figure à travers une autre. Dans le vertige de cette hallucination *unheimlich, uncanny*, on serait comme en proie à une hantise, ou plutôt au spectacle d’une spectralité : hantise du souverain par la bête et de la bête par le souverain, l’un habitant ou hébergeant l’autre, l’un devenant l’hôte intime de l’autre, l’animal devenant l’hôte (*host et guest*), l’otage aussi, d’un souverain dont on sait d’ailleurs qu’il peut aussi être très bête sans que cela atteigne en rien la toute-puissance assurée par sa fonction ou, si vous voulez, par l’un des deux ‘corps du roi’” (J. DERRIDA, *Le souverain Bien*, 62).

6 Cf. I. KANT, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, trad. P. Quintela, Porto, Porto Editora, 1995, 77. Cf. “Autonomie des Willens ist die Beschaffenheit des Willens, dadurch derselbe ihm selbst (unabhaengig von aller Bechaffenhait der Gegenstaende des Willens) ein Gesetz ist. Das Prinzip

Segundo Kant, a hospitalidade depende do querer da “Vontade” (Wille) por meio da autonomia. A lei, que rege as estrelas, não o impele a ele, mas antes a lei moral, que habita nele, que, na versão latina, da *Kritik der praktischen Vernunft*, se refere⁷: *caelum stellatum supra me et lex moralis in memet* (o céu estrelado por cima de mim e a lei moral dentro de mim). Não há amizade sem o respeito pelo Outro. Naturalmente, o respeito por amizade é, sem dúvida, inseparável de uma “Vontade” (Wille) moralmente boa. Todavia nem por isso se confunde com o respeito puramente moral, com aquele que não é devido senão à sua causa, à lei moral e que não encontra na pessoa senão um exemplo. Respeitar o amigo não é propriamente respeitar a lei. Poderemos ter amizade, por uma pessoa, como exemplo do respeito pela lei moral.

Derrida comenta o sentido da “Achtung” (respeito), como um sentimento natural, que marca a presença, em nós, da “lei moral” (moralisches Gesetz), pelas palavras seguintes: “Kant foi, sem dúvida, o primeiro que, com um tal rigor crítico e temático, quis apreender o próprio deste respeito amigável. Não há amizade, sem respeito pelo Outro. Não existe amizade pela lei, a causa do respeito moral”⁸. A amizade será uma coisa e a *moralisches Gesetz* (lei moral) outra.

As obrigações morais poderão chamar à atenção das dificuldades da amizade. Com efeito, quais são essas dificuldades? Derrida refere que Kant inscreve a assinatura crítica, mais inédita e mais necessária, na linguagem de uma tradição. A distinção aristotélica, à qual Montaigne igualmente fora fiel, inicia-se por precisar que falará da amizade, tal como ela é considerada na sua perfeição. Logo, na sua perfeição, isto é, como Ideia irrealizável, a amizade supõe, ao mesmo tempo, amor e respeito. E deverá ser igual e recíproca com amor recíproco e igual respeito. Se a amizade não produz a felicidade, os dois sentimentos, que a compõem, envolvem uma dignidade, tornam o homem digno de

der Autonomie ist also nicht anders zu waehlen als so, dass die Maximen seiner Wahl in demselben Willen zugleich als allgemeines Gesetz mit begriffen seien”. (I. KANT, *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*, en: *Kants Werke*, Akademie-Textausgabe, Band V, Berlin, Walter de Gruyter & Co., 1964, 440).

7 “Der bestimmte Himmel ueber mir und das moralische Gesetz in mir” (I. KANT, *Kritik der praktischen Vernunft*, Herausgegeben von Karl Vorlaender, Leipzig, Verlag von Felix Meiner, 1915, 205; ID, *Kritik der praktischen Vernunft*, en: *Kants Werke*, o. c., 1968, 161). A frase latina vem citada em: *Immanuelis KANTII-Opera ad Philosophiam Criticam. Latine vertit Fredericus Gottlob Born, Volymen Tertium, Critica Rationis Practicae*, Lipsiae: Impensis Engelhard Benjamin Schwickertii, 1969, 166. Na tradução francesa surge: « le ciel étoilé au-dessus de moi et la loi morale en moi » (I. KANT, *Critique de la Raison Pratique*, trad. francesa F. Picavet – F. Alquié, Paris, PUF, 1960, 173).

8 J. DERRIDA, *Políticas da Amizade*, o. c., 258; “Kant, le premier sans doute, le premier avec une telle rigueur critique et thématique, a voulu cerner le propre de ce respect amical. Il n’y a pas d’amitié sans ‘respect de l’autre’ (...). On n’a pas d’amitié pour la loi, cause du respect moral” (J. DERRIDA, *Politiques d’Amitié*, o. c., 283).

ser feliz. A primeira dificuldade, se trata de um dever, tende para um *maximum* de boas intenções, se a amizade perfeita é uma simples Ideia, como assegurar, de caminho, a igualdade na relação com o próximo? Existe igualdade, em cada um dos componentes, de um mesmo dever (como recíproca benevolência), uma vez que a reciprocidade não é a igualdade e faltam os critérios para assegurar que os sentimentos sejam igualmente recíprocos⁹.

A mundividência da hospitalidade, de alguma forma, define-se no acto da transgressão. Aquilo a que Derrida denominou “contaminação”. O anfitrião sai do seu círculo privado para ir ao encontro do hóspede, em seu favor, e o hóspede cruza-se *ad limina* do anfitrião. A transgressão humaniza-nos, situa-nos num plano superior ao da pura animalidade, por isso, a ideia de transgressão não deve entender-se como dar rédea à transitividade. Naturalmente, contribui para transformar a amizade numa ascese. É a elevação da hospitalidade, segundo o pensamento de Derrida. A hospitalidade é uma excelência ou elevação da amizade. É uma “ascese”.

II. A HOSPITALIDADE: COMO EXPERIÊNCIA FÍLICA

A hospitalidade, pelo seu étimo, é uma experiência de “gratuidade”, dado que o anfitrião-ideal é aquele que recebe “sem interesse” alguém, como escreveu S. Paulo: *caritas non quaerit, quae sua sunt* (1 Cor 13,5)¹⁰. Não acolhe o hóspede, porque se sente só ou porque necessita do seu trabalho, no “seio da casa”, mas antes recebe-o “sem interesse” por pura gratuidade. A única obsessão do anfitrião será o bem do hóspede. Como o hóspede é um *philos* (amante), naturalmente, segundo Derrida, a hospitalidade é uma dimensão fílica ou uma *philia* (amizade por afecto). Segundo Derrida, existe uma relação axiológica

9 Cf. J. DERRIDA, *Políticas da Amizade*, o. c., 258. Cf. “Kant inscrit la signature critique la plus inédite et la plus nécessaire dans la lignée d’une tradition. Selon la distinction aristotélicienne à laquelle Montaigne fut aussi fidèle, il commence par préciser qu’il parlera de l’amitié en tant qu’elle est ‘considérée dans sa perfection’. Mais à cette perfection il confère le statut très rigoureux de ce qu’on appelle L’Idée au sens kantien. Dans sa perfection, donc, c’est-à-dire comme Idée irréalisable mais pratiquement nécessaire, l’amitié suppose à la fois *amour* et *respect*. Elle doit être égale et réciproque : amour réciproque, égal respect. Cet Idéal de ‘sympathie’ et de ‘communication’ (*Mitteilung*), c’est un devoir d’y tendre et de le cultiver. Car si l’amitié ne produit pas le bonheur, les deux sentiments qui la composent enveloppent une dignité ; ils rendent l’homme *digne* d’être heureux. Première difficulté : si c’est un devoir que de tendre ainsi vers un *maximum* de bonnes intentions, si ‘l’amitié parfaite’ est une ‘simple Idée’, comment s’assurer en chemin de l’‘égalité’ dans le ‘rapport avec son prochain’? Par exemple de l’‘égalité’ en chacune des composantes d’un même devoir (ainsi la “bienveillance réciproque”). Car la réciprocité n’est pas l’égalité et les critères manquent pour *s’assurer* que des sentiments sont également réciproques, également intenses ou ardents dans la réciprocité” (*Ib.*, 284).

10 *Biblia Sacra Iusta Vulgatam Versionem*, 1783.

do *philos* (amante), relativamente ao domínio da hospitalidade, como se pode verificar na seguinte afirmação: o valor social do *philos* (amante) liga-se pela hospitalidade. O hóspede será *philos*. *Philein* será hospedar. *Philein e philos* determinam o intercâmbio de juramento, *philema* (o beijo), que saúda o hóspede. Às vezes surge sem afecto aparente (os seus joelhos, o seu filho) e “sem aceção de ninguém”, segundo a reflexão de Derrida.

Esta verificação era necessária para revelar um erro secular, tão velho, quanto a exegese homérica e que passou de geração em geração. Será necessário partir dos usos e dos contextos, que traduzem, neste termo, uma rede de associações, umas com as instituições de hospitalidade, outras com os usos do lar, outras, ainda, com os comportamentos afectivos, para entender plenamente as expressões metafóricas, a que ele pode prestar-se.

A hospitalidade será *philein* (amar), significando que esta será duplamente uma *prote philia* e uma *teleia philia*¹¹. Todavia, quer uma quer outra, ao serem aplicadas, nas duas formas de hospitalidade (condicional e/ou incondicional) traduzirão, naturalmente, o amor de identidade e o de alteridade, simultaneamente. Porém, estas *philia* (amores) são diferentes da “hospitalidade agápica”, tal como se professou em Betânia.

A hospitalidade implica uma “lógica do dom”. Esta lógica acentua-se na amizade, de tal forma que, na hospitalidade, o amigo faz-se inimigo e, vice-versa, como vamos encontrar no pensamento de Derrida. Reconhece-se na sua “vinda prévia” (pré-venance). Mas, há mais ou menos liberdade em aceitar o “dom do outro”. A inflexão do dom submete a amizade à “vinda prévia” (pré-venance) do Outro-diferente. Uma tal alteração não terá relação com a perda de identidade, de responsabilidade, de liberdade, que se traduz, também, na “loucura”, esta loucura viva, que perverte ou converte o bom sentido. Que faz passar os contrários, um no outro, e que sabe, muito bem, a forma como os melhores

11 Cf. J. DERRIDA, *Políticas da Amizade*, o. c., 109 -110; Cf. “La valeur sociale de *philos* se lie à l’hospitalité. L’hôte est *philós Philein*, c’est ‘hospiter’ *Philein*, *philotes* impliquent le serment échangé, *philéma* le baiser qui salue ou accueille l’hôte. Chez Homère, *philos* n’est pas seulement l’ami, il a valeur de possessif, parfois sans affect amical apparent (‘ses genoux’, ‘son fils’) et ‘sans acception de personne’. Au terme d’un long article dont la richesse et la minutie défient le résumé, voici la conclusion qui nous importe au plus haut point: «il faudrait de longs chapitres pour énumérer et analyser avec le soin désirable tous les exemples de ce *philos* dit ‘possessif’. Nous pensons cependant en avoir interprété les plus notables. Cette vérification était nécessaire pour dévoiler une erreur séculaire, aussi vieille probablement que l’exégèse homérique, et que les générations se sont transmise. Le problème de *philos* est à reprendre entièrement. Il faudra partir des emplois et des contextes qui révèlent dans ce terme un réseau complexe d’associations, les unes avec les institutions d’hospitalité, les autres avec les usages du foyer, d’autres encore avec les comportements affectifs, pour entendre pleinement les transpositions métaphoriques auxquelles il a pu se prêter» (Ib.,120).

amigos são os melhores inimigos?¹². Segundo Derrida, a hospitalidade vive-se como “dom do outro”, seja do anfitrião, seja do estrangeiro. Oferecem-se um ao outro pelo “acolhimento filico”. A hospitalidade será o acontecimento do dom entre o anfitrião e o Outro-estranho. Na hospitalidade de Betânia, o “acolhimento da palavra” (ouvir o hóspede) foi um dom dadivoso. Foi a excelência do dom. Manifestou-se, pois, como aretologia cairológica. Toda a hospitalidade é uma “qualidade cairológica”, enquanto que a hostilidade se vivencia como “qualidade hamartiológica”. Na hospitalidade, dá-se um reconhecimento do Outro-estranho e vulnerável, como centro, e, precisamente, por causa dele há o acolhimento. Do ponto de vista extrínseco, este acolhimento desinteressado do Outro-estranho é visto, por Derrida, numa “dimensão filica”. Será, sob o ângulo ético, que, *per naturam suam*, este desinteresse tem, então, valor na hospitalidade, dado tratar-se, segundo a Antropologia Bíblica, de um “movimento agápico”. Este movimento, em Betânia, está presente na “diaconia” de Marta e na conduta desinteressada do Outro-estranho (Jesus Cristo). Todavia, toda a hospitalidade radica numa fenomenologia aretológica, onde tem primazia a axiologia da excelência do Outro (estranho) sobre mim.

Segundo Derrida, a “Unheimlich” (solitário, ermo, lúgubre,...) seria a amizade, como característica fundamental da hospitalidade. Derrida salienta que o termo grego poderia referir o sentido de “unheimlich”, “uncanny”. Todavia, porque não *atopos* (fora do lugar)? Fora do lugar ou sem lugar? Sem família, nem familiaridade, fora de si, expatriado, extraordinário, extravagante, absurdo ou louco, insólito, inconveniente, estranho, mas também estrangeiro? Ser inconveniente seria o mais grave, porque a amizade foi tão, frequentemente, marcada pela “conveniência do residente” (*oikeiotes*), que se adapta não só à familiaridade, como também à afinidade, que aparenta.

Porém, o Samaritano da parábola actuou por meio de uma “sensibilidade comotiva”, numa espécie de “inteligência comotiva”, superior à inteligência emotiva, descrita por Goldman. Muito embora, estas duas formas de inteligência expressam-se na hospitalidade. Esta reveste-se de uma “inteligência comotiva” (de fora para dentro) entre um anfitrião e um estrangeiro. Parece não

12 Cf. J. DERRIDA, *Políticas da Amizade*, o. c., 75. Cf. “Une logique du don soustrait ainsi l’amitié à son interprétation philosophique. Lui imprimant une nouvelle torsion, à la foi douce et violente, elle infléchit l’amitié, elle la réfléchit vers ce qu’elle aurait dû être, vers ce qu’elle aura été de façon immémoriale, elle la rappelle à la non-réciprocité, à la dissymétrie ou à la disproportion, au non-retour dans l’hospitalité offerte ou reçue, bref à l’irréductible préséance de l’autre. À sa pré-venance. Mais y a-t-il plus ou moins de liberté à accepter le don de l’autre? L’inflexion du don qui soumettrait l’amitié à la pré-venance de l’autre, est-ce autre chose qu’une aliénation? Et cette aliénation est-elle sans rapport avec la perte d’identité, de responsabilité, de liberté qu’on traduit aussi par ‘folie’, cette folie vivante qui inverse, pervertit ou convertit le (bon) sens, fait passer les contraires l’un dans l’autre, et ‘sait bien à sa manière en quoi les meilleurs amis sont les meilleurs ennemis?’” (*Ib.*,82).

haver mais dom, nem dívida, nem mais deveres entre amigos, se alguém disser obrigado, é aquele que dá àquele que aceita.

Na hospitalidade, quem tem que dizer obrigado é o “anfitrião”. Marta e Maria, em Betânia, professaram o seu agradecimento pela “audição da palavra” e a Palavra é Jesus Cristo (Rm 10,17). Mas, mais do que isto, segundo a narrativa de Betânia, será um “amor de alteridade”. Contudo, o acolhimento pístico, simbolizado em Maria, é um *Amen*. Poderemos dizer que a hospitalidade é a afecção ou a amizade (*philia*) entre o anfitrião e o estrangeiro.

Derrida estabelece uma relação entre hospitalidade e a economia do dom, ao referir que deveremos seguir de momento a “economia do dom”, o dom sem dom, que Montaigne deduz da indivisão da alma. O dom não será impossível, mas será o donatário que oferece e, desde logo, nem a medida nem a reciprocidade fazem mais uma lei da amizade. Nem sincronia nem simetria. Ao aproximarmo-nos desta passagem, perguntar-nos-emos se o modelo desta amizade, sem medida nem reciprocidade, se esta ruptura, com a mutualidade da troca, releva sempre desse paradigma grego da *philia*, no qual Montaigne quer ainda inspirar-se. E se esta questão tem sentido, se existe um tal paradigma, “se houver um” (*s’il en est un*), que seja um (um modelo ou um artefacto exemplar) e que seja uno¹³. A hospitalidade é a “economia do dom”, tal como é a “lógica do dom”. É uma lei da casa, onde habita o dom. Faz-se dom pelo “acolhimento esplancnofânico”. Aquele que dá, é, então, aquele que recebe. Toda a hospitalidade, *per essentiam suam*, será sempre “amizade”. Mas, segundo o relato bíblico de Betânia, será muito mais do que amizade. A hospitalidade será “estar com ...” na “audição da palavra” (Rm 10,17). A hospitalidade, em Derrida, é um “centro fílico”, que, à imagem de Aristóteles, se estabelece como relação electiva do bem, entre dois corpos, que repousam numa só alma. Possuem uma alma em comum. Com efeito, esta tradução implica um problema crítico, vivido no interior da língua grega, será algo que o próprio Aristóteles já sabia, na sua língua original, devendo, naturalmente, recorrer à mesma palavra, *phi-*

13 Cf. J. DERRIDA, *Políticas da Amizade*, o. c., 185. Cf. “Suivons pour l’instant *l’économie du don*, le don sans don, que Montaigne déduit de cette indivision de l’âme. Ce don sans don qui suit l’indivision, Montaigne y reconnaît moins une indistinction, une confusion ou une communion qu’une inversion disproportionnante de la dissymétrie: le ‘libéral’ est celui qui consent à recevoir, l’obligé celui qui donne. Le don n’est pas impossible, mais c’est le donataire qui donne et dès lors ni la mesure ni la réciprocité ne font plus la loi de l’amitié. Ni synchronie ni symétrie. Comme si les amis n’étaient jamais des contemporains. En nous approchant de ce passage, nous nous demanderons si le modèle de cette amitié sans mesure ni réciprocité, si cette rupture avec la *mutualité* de l’échange relève toujours de ce paradigme grec de la *philia* dont Montaigne veut encore littéralement s’inspirer. Et si cette question a un sens, s’il existe un tel paradigme, *s’il en est un*, qui en soit un (un modèle ou un artefact exemplaire) et qui soit un” (*Ib.*, 204).

lia, para ser usada em sentidos derivados, inadequados à *philia prote* (amor primeiro) e à *teleia philia* (amor perfeito).

No seguimento deste pensamento, Derrida salienta que, mesmo para colocar esta questão, arriscamo-nos a voltar a dar crédito ao distinguir entre potência e acto, entre *dynamis* (potência) e *energeia* (acto), com todo o seu valor conceptual. Esta distinção nunca estará longe, na *Ética Nicomaqueia*, quando se trata de distinguir entre bens que, em pequeno número, são amigos, em sentido próprio, simplesmente amigos, "absolutamente amigos" (*aplos philoi*) e os outros, que não o são, senão por analogia, com os primeiros. A mesma distinção não estará longe, quando se trata de distinguir entre, por um lado, a amizade por excelência, a amizade de virtude (*prote philia* da *Ética a Eudemo* e a *teleia philia* da *Ética Nicomaqueia*) e, por outro, as amizades derivadas, aquelas que se fundamentam no utilitarismo ou no hedonismo. Ela não estará longe, quando, depois de ter definido três formas de governo ou de "constituição" (*politeia*), a *Ética Nicomaqueia* faz-lhe corresponder três graus de amizade, estando cada um deles em consonância com as relações de justiça; de tal forma que, se o homem é um animal "político" e feito para viver em sociedade, terá, portanto, necessidade de amigos. Suponhamos, então, *concesso non dato* (não sendo dado pelo consenso), que se possa hoje traduzir por "amizade", por "amitié", por "Freundschaft", por "friendship", etc. O que viria a ter aqui por certa a possibilidade desta tradução, a possibilidade de pensar o pensamento, como pensamento do mesmo ou como pensamento do Outro, na abertura desta transferência, deste "trainway" chamado *philia*, "Freundschaft, friendship, amitié, amizade"¹⁴.

14 Cf. J. DERRIDA, *Políticas da Amizade*, o. c., 234-235. Cf. "Même pour poser cette question, et justement pour la suspendre à un "peur-être", nous risquons de réaccréditer, avec toute sa machinerie conceptuelle, la distinction entre la puissance et l'acte, entre *dynamis* et *energeia*. Elle n'est jamais loin, dans l'*Éthique à Nicomaque*, quand il s'agit de distinguer entre les "bons" qui, *toujours en petit nombre*, sont amis dans le sens rigoureux du terme, au sens propre simplement amis, absolument amis (*aplos philoi*) et les autres qui ne le sont que par accident et par analogie avec les premiers; la même distinction n'est pas loin quand il s'agit de distinguer entre d'une part l'amitié par excellence, l'amitié de vertu (la *proté philia* de l'*Éthique à Eudème* ou la *teléia philia* de l'*Éthique à Nicomaque*) et, d'autre part, les amitiés dérivées, celles qui sont fondées sur l'utilité ou le plaisir; elle n'est pas loin non plus quand, après avoir défini trois formes de gouvernement ou de constitution (*politeia*), l'*Éthique à Nicomaque* y fait correspondre trois types d'amitié, chacune d'entre elles étant proportionnée aux rapports de justice; de telle sorte que si l'homme est un être 'politique' et fait pour vivre en société, et si donc il a besoin d'amis, l'amitié proprement politique n'est pourtant qu'une espèce d'amitié, une amitié dérivée, l'amitié *utile* qui exige la concorde, l'accord, le consensus (*homónoia*). Toutes ces partitions supposent la distinction de la puissance et de l'acte, de l'accident et de l'essence, etc. Et de telles distinctions seraient *ici* appelées, et donc nécessairement impliquées ou mises en œuvre, prétend en somme Aristote, par l'usage et la compréhension justes du mot grec *philia*, par sa constitution sémantique même. Par tout ce que l'on nomme *amitié*, par tout ce dont, disait Nietzsche dans *Le Gai Savoir* (14), le 'vrai nom est *amitié*'. Supposons alors, *concesso non dato*, qu'on puisse aujourd'hui traduire par 'amitié', par *Freundschaft*, par *friendship*, etc., ces mots grecs, *philia*, *homónoia*, et tous ceux

A hospitalidade é não só uma *teleia philia* (amor de perfeição), aplicando o pensamento aristotélico, como também uma *prote philia* (amor primeiro). A *philia* (amor natural – amizade) será adequada ao homem feliz, de tal modo que, sem ela, ninguém se poderá considerar realizado. Assim, a “amizade” (*philia*) será uma relação aretológica, entre os homens, existindo sempre que haja amor entre eles. O específico da amizade encontra-se numa relação de amor. Na verdade, o amor implica uma relação entre o homem e um objecto amável segundo a *Ética Nicomaqueia*. Contudo, na amizade, não basta esta noção de amor (*philia*), necessitamos, pois, distinguir dois graus de amor: benevolência e afeição. Temos, pois, a amizade perfeita, definida por Aristóteles, como *teleia philia*. Naturalmente, o *bonum a se* (o bom por si próprio) será aquilo que será amado por si mesmo. O pensador de Estagira diz que a *teleia philia* (a amizade perfeita) será a dos bons, que são semelhantes pela “excelência da conduta” (virtude). A amizade realiza-se numa mútua benevolência reconhecida, exigindo, muito embora, tempo para se enraizar. Implica o *hexis* (*habitus*). Estes e outros elementos, da *Ética Nicomaqueia*, foram aproveitados por Derrida, em ordem a formularem uma original concepção de hospitalidade, fundada na *philia* (amizade), como se descreve na obra *Politiques d’amitié*. Derrida foi influenciado pelo pensamento do Filósofo e, desta forma, apresentou uma feliz expressão para a hospitalidade fundamentada na *philia*.

Na parábola do Desvalido no Caminho, o “amor de alteridade” (amor agápico), não sendo expresso na *Ética Nicomaqueia* (porque Aristóteles não conheceu a axiologia da alteridade), foi vivido pela “comoção das vísceras” de um Samaritano (Lc 10,33). A “deliberação esplancofânica” determina um grau superior de hospitalidade, a que chamaremos de “acolhimento agápico”, presente na narrativa de Betânia. A hospitalidade vive-se em “acolhimento agápico”, segundo a nossa desconstrução do texto de Lucas (10,38-42).

Derrida tentara responder a questões como: O que será a amizade e o que será um amigo? Se não estamos próximos de responder a tais perguntas, não será por causa do grande número de dificuldades filosóficas, que estão ainda diante de nós. Se não estamos perto de responder, nem talvez de aproximar esta questão, como questão da proximidade, será, de modo preliminar, ao mesmo tempo simples e abissal, porque a questão “o que é?” (*tí estin*), a questão da essência ou da verdade já se manifesta como questão da filosofia, a partir da

qui, de proche en proche, en sont inséparables. Cela reviendrait ici à tenir pour assurée la possibilité de cette traduction, la possibilité de penser la pensée, comme pensée du même ou pensée de l’autre, dans la frayage de ce transfert, de ce train ou de ce tramway nommé *philia*, *Freundschaft*, *friendship*, *amitié*. Que cette traduction pose un problème critique, et déjà à l’intérieur de la langue grecque, Aristote le savait. Sa propre langue devait en somme recourir au même mot, *philia*, pour des sens différents et dérivés, inadéquats à la *philia prote* et à la *teleia philia*” (*Ib.*, 256-257).

experiência do *philein* e da *philia*¹⁵. A hospitalidade será o prolongamento da “audição da palavra”. A hospitalidade cresce com a sua presença (vivências entre anfitrião e estrangeiro) e com a presença da palavra: Ouvir o Hóspede! ... A hospitalidade será uma presença filica. A amizade cria a hospitalidade e a hospitalidade origina a amizade.

A relação com o Outro aparece como algo já concluído, imemorial, porque já passou e escapa à memória, por esse motivo não pode ser representada. O Samaritano viveu num “tempo eónico”, antes do seu tempo, ao ritmo do Desvalido do Caminho, dado que este tem prioridade sobre mim (Samaritano bom). O Desvalido é um “vestígio incarnado” (passado) e um “vestígio ressuscitado” (futuro). Ser e estar no Caminho é um embate espacio-temporal. Este embate será premente na hospitalidade (Lc 1,33-52; 10,38-42). O rosto, temporalmente, está no vestígio do ausente, absolutamente determinado no Desvalido. O Rosto vem de um além, vem de um Ele, que é a temporalidade do Desvalido. A Ileidade do para além, no Pai das Misericórdias, será o facto de que a sua vinda, em direcção ao Samaritano, será uma partida (espaço e tempo plesiológicos) que o deixa efectuar num movimento, junto do “próximo”, como no caso do Desvalido no Caminho. Este espaço-tempo será o caminho da hospitalidade. Toda a hospitalidade estará marcada pela “temporalidade plesiológica”, desde um Samaritano bom até Marta e Maria, ao acolherem, no *castellum*, Jesus de Nazaré. Foi a presença plesiológica, pela temporalidade, que sedimentou a hospitalidade. Jesus Cristo foi a “presença filica”, a presença que se apresentou no *castellum* (Lc 10,38-42). O acolhimento será a presença como proximidade. A hospitalidade será uma proximidade filica, tal como se vivenciou, entre Marta e Maria, no “acolhimento elpídico” de Jesus Cristo. Em Betânia, registou-se uma “amizade agápica”. O amigo é o próximo e a amizade cresce com a sua presença. A hospitalidade será uma verdadeira amizade e amizade verdadeira entre anfitrião e o Outro-estranho.

Segundo a perspectiva de Derrida, se esta reconstituição não bastasse, se não nos contentássemos com esta referência ao livro VII da *Ética* (*a Eudemo*), aquele que Diógenes Laércio evoca literalmente, que se abra então a *Ética a Nicómaco*. No livro IX, o mesmo tema é tratado com uma eloquência e uma

15 Cf. J. DERRIDA, *Políticas da Amizade*, o. c., 245. Cf. “Ce n’est pas seulement parce que nous avons déjà décelé la présence de cette valeur de *présence* au cœur même de ce qu’il s’agirait de définir et que *toute* la tradition que nous avons reconnue jusqu’ici pré-définissait ou pré-comprenait justement comme vertu de présence, vérité de *proximité*: l’ami, c’est le proche et l’amitié croit avec la présence, avec l’allocution en un même lieu. Si nous ne sommes pas *près* de répondre, ni peut-être d’approcher ainsi cette question comme question de la proximité, c’est de façon principielle, préliminaire, à la fois simple et abyssale, parce que la question ‘qu’est-ce que? (*tí estin*)’, la question de l’essence ou de la vérité s’est déjà déployée, comme question de la philosophie, à partir d’une certaine expérience du *philein* et de la *philia*” (*Ib.*, 268-269).

abundância que não deixam dúvidas. E o motivo aritmético ou meta-aritmético da raridade extrema serve aí de tutor a um relançamento de temas, que se vem enrolar à sua volta, num movimento natural, elegante, ágil e económico. Quer se trate de hospitalidade ou de política, de amizade útil ou virtuosa, de poetas ou de apaixonados, a raridade vale mais. A raridade dita um preço. E a rarefacção dará a medida da amizade verdadeira¹⁶.

CONCLUSÃO

A hospitalidade é uma experiência da amizade primeira, o encontro da presença *in actu* (em acto), que descreve a análise da *hexis* (hábito) e de qualquer predisposição, como os outros graus da amizade, que a caracterizam com dimensão aretológica. A hospitalidade, segundo o pensamento de Derrida, é um “por vir” da amizade e será um “por vir” do acolhimento. Naturalmente, a amizade pode determinar a hospitalidade, tornando-a mais forte e mais eficaz. Com efeito, Derrida superou as aporias da hospitalidade através do conceito de *teleia philia* (amizade de perfeição), que é oriunda do pensamento aristotélico, como se poderá descrever no pensamento do Filósofo: “a presença dos amigos parece, contudo, ter uma natureza mista. Ver os amigos é afável, sobremaneira quando se passa um momento infeliz, ...”¹⁷. A hospitalidade é uma “relação de alteridade”, que nada tem a ver com a indiferença. A amizade dá forma à hospitalidade, dado que a antítese da hospitalidade será a “quenose” do Outro, como um desejo de destruição, um certo “impulso fanático”, que mina a hospitalidade. A hospitalidade, analisando o pensamento de Derrida, no aspecto filico, refere uma sólida e profícua amizade, onde há a troca de bens, numa virtude perfeita, entre o anfitrião e o Outro-estranho, dado que são bens *per se*. Na hospitalidade regista-se uma manifesta afeição entre a singularidade plural dos sujeitos em presença. Querem o bem uns dos outros. Segundo a nossa perspectiva, a amizade, no domínio da hospitalidade, pertence à “mundividência elpídica”, referindo-se ao mundo da espera e da esperança. Tal como o perdão, a hospita-

16 Cf. J. DERRIDA, *Políticas da Amizade*, o. c., 217. Cf. “Si cette reconstitution ne suffisait pas, si on ne se contentait pas de cette référence au livre VII de *l'Éthique* (à Eudème) celui qu'évoque littéralement Diogène Laërce, alors qu'on ouvre *l'Éthique à Nicomaque*. Au livre IX, le même thème est traité avec une éloquence et une abondance qui ne laissent plus aucun doute. Et le motif arithmétique ou mét'arithmétique de *l'extrême rareté* y sert de tuteur à un entrelacement de thèmes qui viennent s'enrouler autour de lui, dans un mouvement naturel, élégant, souple et économique. Qu'il s'agisse d'hospitalité ou de politique, d'amitié utile ou vertueuse, de poètes ou d'amoureux, la rareté vaut mieux, et parfois à *l'extrême*. La rareté fait le prix, et la rarefaction donne la mesure de l'amitié vraie”. (*Ib.*, 239).

17 Cf. ARISTOTELIS, *Opera Omnia. Ex recensione Immanuelis Bekkeri, edidit Academia Regia Borussica*, IX, 1171a35-1171b2.

lidade convida a uma “resposta”. Será um convite ao arrependimento, à conversão, à amizade. Se alguma reinvenção é operada pela hospitalidade, será a de fazer “viver juntos” um “bem viver juntos” e desta uma relação de amizade. A hospitalidade será um “bem viver juntos”. A hospitalidade é amizade.

Um dos elementos fundamentais do acolhimento clínico será a amizade, que se vincula entre médico e doente. É um *proprium* desta relação, sobretudo se o médico for acolhedor para com o seu doente. O acolhimento, em humanização da saúde, é uma vivência aretológica entre um médico e um doente. É a excelência da conduta clínica. Seguindo o pensamento de Derrida, será uma responsabilidade infinita. A hospitalidade é “hiperresponsabilidade”.

A amizade pragmática não é capaz de atingir nem a pureza, nem a perfeição desejada, isto é, será necessária para uma máxima determinante, aquilo que Kant chamara “pragmática”, que leva a assumir o encargo, por amor dos fins de outros homens, em número indeterminado. A amizade “pragmática” não será capaz de atingir a pureza, nem a perfeição desejada. Permanece, portanto, o “ideal de um desejo”. Pelo pensamento de Derrida, a amizade não será um dom presente, refere-se pela experiência da espera, da promessa ou do empenhamento. Trata-se, na verdade, de uma vivência elpidica e alimenta-se da oração. Toda a hospitalidade reza uma oração entre o Outro-estranho e o anfitrião. A hospitalidade é uma pragmática do coração e não uma pragmática racional. Vive do coração e para o coração no seguinte lema: *ad cor in cor e corde* (do coração para o coração a partir do coração).

A hospitalidade, além de ser uma ascese, deverá vivenciar-se como uma “mística”. Esta ocupa-se de coisas divinas ou espirituais. É marcada essencialmente pela “vida contemplativa”. Esta transforma a hospitalidade numa “oração”. Logo, a hospitalidade será uma permanente “meditação” entre um anfitrião e um *homo mendicans* (que necessita de hospitalidade). No acolhimento, em saúde, surge permanentemente uma ascese e uma mística. Estas duas formas de espiritualidade, através da amizade, elevam-se à “meditação” das coisas clínicas, a fim de instaurar o bem-estar, o bem-ser e o bem-agir do doente. A mística é um predicado fundamental na hospitalidade, que terminará na “noite escura dos sentidos”, como nos relata S. João da Cruz. Aqui resplandecerá o “silêncio” como uma voz contemplativa na hospitalidade. A hospitalidade é silêncio e tem silêncios. Da mesma forma, a humanização em saúde possui muitos silêncios, seja do médico, seja do doente. Uns revelam-se, outros calam-se no mais íntimo do coração. O prognóstico deixa ou não deixa revelar silêncios. Pode ajudar a revelar ou a calar, dependendo da malignidade das patologias e da sua evolução, da conduta do doente e da aceitação dos seus familiares. Assim, a amizade é hospitalidade e a hospitalidade é amizade.